

# PAEMONILIA

## A ARTE HIERÁTICA

VOL. IV

Ερατική τέχνη



FERNANDO LIGUORI  
TATA NGANGA KAMUXINZELA

# **DAEMONIUM VOL. 4**

## **A ARTE HIERÁTICA**

**DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA** constitui a culminação teórico-operatória do projeto DAEMONIUM, apresentando uma arquitetura rigorosamente tripartida que articula filosofia, teologia e teurgia sob o critério da mediação ontológica. O volume assume como eixo a recuperação do *daimôn* pessoal enquanto operador real da vida singular e do Cosmos, recusando tanto a redução psicologizante moderna quanto a moralização patrística. Com aparato filológico e argumentação de alto rigor, o livro reconstroi a inteligibilidade da ação espiritual a partir de uma ontologia das mediações, restituindo à tradição platônica tardia sua coerência interna e sua potência explicativa.

Na parte filosófica, o livro estabelece os fundamentos conceituais do *daimôn* pessoal como princípio mediador entre universal e particular, inteligível e sensível, causalidade superior e biografia concreta. A análise percorre Platão, Plutarco, Apuleio, Jâmblico e Proclo, demonstrando que o *daimôn* não é metáfora ética nem categoria psicológica, mas solução ontológica necessária ao problema da proporção causal. Essa seção elabora, com densidade filológica e precisão conceitual, a distinção entre alma, *nôûs* e instância *daemônica*, mostrando como a vida ética, o destino e o caráter (*ēthos*) dependem de uma mediação real que governa a tradução das causas universais em existência singular.

Na parte teológica, o DAEMONIUM Vol. 4 desenvolve uma doutrina hierárquica do Cosmos fundada na distinção rigorosa entre deuses, *daimones* e almas, articulada à noção de providência e às séries causais. O livro demonstra que a transcendência divina só se preserva mediante mediações proporcionais, e que a eliminação dessas instâncias, seja por monoteísmo simplificador, seja por dualismo, produz incoerência ontológica. Ao reconstituir a teologia platônica tardia, a obra evidencia o erro estrutural da demonização cristã do *daimôn*, não como divergência confessional, mas como colapso de categorias que dissolve a inteligibilidade da ação divina no mundo.

Por fim, na parte teúrgica, o volume apresenta a teurgia como *arte hierática*, i.e. como ontologia operatória da mediação. Aqui, a ἱερατικὴ τέχνη é definida como o conjunto de operações nas quais a causalidade divina se torna imanente à matéria consagrada por meio de *symbola* e *sunthēmata*. A análise demonstra que imagens, nomes, substâncias, ritmos e corpos ritualizados não funcionam como representações, mas como marcas causais que permitem a fixação do fogo divino em receptáculos preparados. A teurgia é, assim, apresentada como ciência da presença e da eficácia, na qual o hierofante não fala do divino, mas se integra à cadeia causal que reconfigura o Cosmos pela ação efetiva da divindade através da matéria.



## A HISTÓRIA DESTE LIVRO

Por Fernando Liguori  
*Táta Nganga Kamuxinzela*

A história deste livro tem início em 2019, no contexto da preparação das lições que comporiam o *Curso de Filosofia Oculta*, núcleo formativo do primeiro volume do DAEMONIUM. Desde o princípio, o projeto foi concebido como uma investigação rigorosa da universalidade da fórmula mágica do espírito tutelar, entendida não como metáfora psicológica ou construção simbólica tardia, mas como operador ontológico recorrente nas tecnologias rituais de múltiplas culturas da magia. O primeiro tomo, DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA, buscou demonstrar, por via comparativa e filológica, que a figura do espírito tutelar, aquele que media a relação entre o humano e a ordem invisível, reaparece sob formas estruturalmente homólogas em tradições historicamente descontínuas: no xamanismo, como o animal de poder que acompanha e orienta o xamã; na *goēteia* dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, como o πάρεδρος (*paredros*), espírito adjunto convocado para assistência contínua;<sup>1</sup> na magia salomônica, como o demônio pessoal, exemplificado por Ornias, cuja função excede a mera coerção ritual e assume caráter de mediação biográfica;<sup>2</sup> na teurgia, como o *daimōn*

<sup>1</sup> O substantivo grego πάρεδρος (*paredros*), literalmente *o que está sentado ao lado* (παρά + ἔδρα), portanto um *assistente adjunto*, designa, no léxico técnico dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, uma modalidade de potência intermediária cuja função excede o efeito pontual de um feitiço e se fixa como *agência contínua* junto ao operador, articulando mediação, serviço e disponibilidade permanente. A formulação programática mais direta encontra-se no grande dossiê do PGM IV, onde o operador promete corporificar para si um assistente: παρέδρον ποιήσω σεαυτῷ, ἵνα σοι ὑπηρετῇ ἐν πᾶσιν (*farei para ti um paredros, para que te sirva em todas as coisas*, PGM IV:1227-1228). A sintaxe é tecnicamente determinante: o infinitivo ποιήσω (*farei, fabricarei*) implica *produção ritual* (não mera súplica), e o verbo ὑπηρετεῖν (*servir, assistir*) com o adjunto ἐν πᾶσιν (*em tudo*) fixa o *paredros* como operador de continuidade, equivalendo a um *companheiro* do trabalho mágico, e não a um espírito invocado *ad hoc*. Filologicamente, a própria escolha do termo *paredros* recorta um regime de presença: trata-se de um *adjunto* que se torna parte da economia cotidiana do operador, o que aproxima sua função da ideia de mediador pessoal em tradições posteriores; por isso, na documentação dos papiros, o *paredros* aparece correlacionado à lógica de subordinação estável (assistência, guarda, serviço), e não apenas à lógica de constrangimento momentâneo. A ênfase na totalidade (*em todas as coisas*) deve ser lida como marca formal de um *operador biográfico*: um mediador cuja eficácia se mede pela permanência e pela integração ao circuito ritual do sujeito, de tal modo que o *paredros* funciona como eixo prático de uma demonologia operativa que não separa *rito* e *vida*, mas torna a vida do feiticeiro um regime contínuo de tráfego com potências intermediárias. Ver Hans Dieter Betz (Ed.). THE GREEK MAGICAL PAPYRI IN TRANSLATION. University of Chicago Press, 1986.

<sup>2</sup> Na literatura salomônica antiga, particularmente no TESTAMENTO DE SALOMÃO, Ornias (Ὀρνίας) ocupa posição paradigmática enquanto espírito adjunto pessoal do rei, funcionando estruturalmente como um πάρεδρος (*paredros*), i.e. um *sentado ao lado*, assistente contínuo e mediador operativo entre o operador humano e a ordem invisível. O próprio texto estabelece explicitamente essa relação de proximidade funcional quando Salomão declara: ἔχον τὸν Ὀρνίαν πάρεδρον (*tive Ornias como paredros, Test. Sol. 9*). Ornias não é apresentado meramente como um demônio coagido, mas como um espírito cuja submissão inaugura uma economia de mediação permanente: ele introduz Salomão ao conhecimento dos demais *daimones*, revela suas funções cósmicas e ensina os modos de constrangê-los segundo suas afinidades astrais. Essa função cognitiva e biográfica distingue Ornias dos demais espíritos da narrativa, pois ele atua como primeiro elo estável da cadeia demonológica, desempenhando o papel de intérprete e guia no trato com o invisível. O léxico do TESTAMENTO confirma essa função mediadora ao empregar verbos de ensino e revelação associados a Ornias, como em ἔγώ δέ σοι δηλώσω πάντας (*eu te revelarei a todos, Test. Sol. 26*), o que o aproxima formalmente da figura do *paredros* dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, convocado não para um único efeito ritual, mas para assistência contínua (*συνεχῶς ὑπηρετεῖν*). Do ponto de vista filológico e estrutural, Ornias encarna assim o modelo salomônico do espírito tutelar: um *daimōn*

pessoal, princípio intermediário que rege a proporção entre a alma individual e as séries divinas; na literatura mítica e iniciática europeia, como o *diabolus familiaris* de Fausto, Mefistófeles, ou o próprio Diabo na relação com São Cipriano, figuras que encarnam a exteriorização dramática do destino espiritual individual; e, por fim, na tradição cristã esotérica e mágico-renascentista, como o Sangrado Anjo Guardião do sistema de Abramelin, cuja recepção na magia moderna, notadamente em Aleister Crowley (1875-1947), consolidou essa fórmula como eixo operativo do *Ocultismo* do final do Séc. XIX. O objetivo não foi alinhar essas figuras por analogia superficial, mas demonstrar que todas operam segundo uma mesma necessidade ontológica: a existência de uma instância intermediária singular que traduza a ordem supra-humana na economia concreta da vida individual, preservando simultaneamente transcendência e eficácia ritual.<sup>3</sup>

O segundo volume, planejado para publicação imediata em 2020, deveria aprofundar essa investigação deslocando o foco comparativo para uma análise exclusiva da teurgia, tratando o *daimōn* pessoal não mais como um elemento entre outros, mas como problema central de metafísica ritual. A intenção original era examinar, com base estritamente textual e filológica, o lugar do *daimōn* na arquitetura do platonismo teúrgico, demonstrando que ele não constitui um acréscimo tardio ou um resíduo mítico tolerado pela filosofia, mas um princípio necessário à própria coerência do sistema. Nesse contexto, o *daimōn* seria analisado como mediador formal entre o Uno transcendente e a vida singular, responsável por assegurar a proporção (*summetría*) entre a causalidade divina e o destino individual, algo que nem o princípio supremo, por excesso de transcendência, nem a alma humana, por insuficiência ontológica, podem realizar isoladamente. A investigação pretendia apoiar-se prioritariamente nos testemunhos de Platão (428-348 a.E.C.), Jâmblico (245-325 d.E.C.) e Proclo (412-485), bem como nos ORÁCULOS CALDEUS, tratando o *daimōn* como instância reguladora da participação (*methexis*) e como eixo da eficácia ritual da *telestikē*. A interrupção desse plano, motivada por desdobramentos teóricos e materiais que excederam o escopo inicialmente previsto, acabou por transformar o que seria um segundo tomo em um projeto de longo curso, do qual DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA emerge como culminação conceitual: não mais uma exposição introdutória, mas uma reconstrução sistemática da função hierática do *daimōn* enquanto operador ontológico, ético e ritual da vida filosófica.<sup>4</sup>

Os motivos pelos quais o DAEMONIUM desviou deliberadamente do percurso inicialmente projetado a partir do segundo volume não constituem um acidente editorial nem uma hesitação metodológica, mas o efeito necessário de uma inflexão ontológica progressiva, cuja gênese foi explicitada na Introdução do terceiro volume,

---

sublunar, vinculado ao destino e à autoridade do operador, cuja função excede a coerção pontual e assume caráter de mediação biográfica e governança do invisível, antecipando tanto o *daimōn* pessoal do platonismo tardio quanto as formulações posteriores do *diabolus familiaris* da magia fáustica-cipriânea europeia. Para uma relação entre *paredros* e Ornias, ver Stephen Skynner. *Tecniques of Salomonic Magic*. Golden Hoard Press, 2017, pp. 253-254. Para análises filológicas do texto grego, ver Gal Sofer. *SOLOMONIC MAGIC: METHODOLOGY, TEXTS, AND HISTORIES*. Brill, 2025.

<sup>3</sup> PAPIROS MAGICOS GREGOS: παρέδρον ποιήσω σεαυτῷ, ὡν σοι ὑπηρετῇ ἐν πᾶσιν (farei para ti um *paredros*, para que te sirva em todas as coisas, IV:1227-1229). Hans Dieter Betz (Ed.). *THE GREEK MAGICAL PAPYRI IN TRANSLATION*. University of Chicago Press, 1986, pp. 54. Jâmblico: ἔκαστον τῶν ἀνθρώπων ἕδιον δαίμονα ἔχειν (cada um dos homens possui um *daimōn* próprio, IX:15). *ON THE MYSTERIES*. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 350.

<sup>4</sup> Platão: τὸν δὲ δαίμονα ὃς ἡμῖν ἐδόθη σύνοικον (o *daimōn* que nos foi dado como coabitante). *Timeu*. DIÁLOGOS. Vol. V. Edipro, 2014, pp. 260 (90a). Jâmblico: διὰ τοῦ οἰκείου δαίμονος ἡ πρὸς τὸ θεῖον ἀναγωγή (por meio do *daimōn* próprio ocorre a recondução ao divino, V:25). *ON THE MYSTERIES*. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 273.

DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTSE DA MAGIA (2024). A partir desse ponto, tornou-se evidente que a investigação já estabelecida da mediação *daemônica* como operador ontológico universal não poderia permanecer confinada a uma abordagem exclusivamente mediterrânea ou filológico-platônica, sob pena de reduzi-la a um exercício abstrato desancorado de suas condições históricas de sobrevivência ritual. Os volumes subsequentes, GANGA: A QUIMBANDA NO RENASCE DA MAGIA (2023) e WANGA: O SEGREDO DO DIABO (2024), não operaram como derivações temáticas ou apêndices explicativos, mas como campos de prova empíricos e teológicos nos quais se tornou possível demonstrar que as tecnologias fundamentais da teurgia (catábase, mediação *daemônica*, corporificação do sagrado, pacto, sacrifício e governo do invisível) haviam sido preservadas, metabolizadas e reorganizadas no espaço afro-diaspórico brasileiro. Esse deslocamento culminou, de modo necessário, na elaboração dos dois tomos da *Doxografia Goética* (Vols. 1 e 2, 2025), que funcionam como reconstrução historiográfica e sistemática da *goêteia* enquanto substrato técnico e ontológico comum tanto à teurgia platônica quanto à Quimbanda, dissolvendo definitivamente a oposição moderna entre *alta* e *baixa* magia. O presente volume, DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA, não inaugura, portanto, um novo projeto, mas retorna ao ponto de partida original, a arte hierática enquanto ciência da mediação, agora dotado de densidade comparativa suficiente para ser encerrado como sistema, integrando filosofia, teologia e prática ritual em uma arquitetura coerente do *daimôn* como operador ontológico da vida espiritual.

A exigência de concluir o projeto DAEMONIUM segundo sua concepção originária impôs-se de modo estrutural durante a redação do segundo volume da *Doxografia Goética*, KALUNGA: TEURGIA & CABALÁ CRIOULA, na medida em que essa obra revelou, com clareza filológica e coerência ontológica, que a investigação do *daimôn* pessoal e da arte hierática não poderia permanecer fragmentada em abordagens culturais isoladas sem comprometer sua inteligibilidade teórica. Ao confrontar diretamente os dispositivos técnicos do corpus hermético greco-latino de matriz alexandrina, em particular a doutrina da animação ritual (*τελεστική*) e da recepção divina por meio de receptáculos (*ὑποδοχαῖ*), conforme expressa no ASCLÉPIO (*deos facimus*, Ascl. 23), com a estrutura teúrgica do platonismo tardio, tornou-se evidente que o núcleo da eficácia ritual reside em uma lógica de mediação ontológica invariável. Jâmblico afirma explicitamente: οὐ γὰρ διὰ τῆς διανοίας ἡ τῶν θεῶν παρουσία γίνεται, ἀλλὰ διὰ τῶν ἔργων τῶν ἀρρήτων (*pois a presença dos deuses não se produz por meio do pensamento discursivo, mas por meio das obras inefáveis*),<sup>5</sup> deslocando a causalidade da operação do plano noético para o plano hierático. Proclo reforça esse mesmo princípio ao declarar que τὰ σύμβολα τῶν θεῶν αὐτὴν ἔχει τὴν ἐνέργειαν (*os símbolos dos deuses possuem a própria atividade [divina]*),<sup>6</sup> estabelecendo filologicamente que a eficácia ritual não é representacional, mas causal. Tornou-se então evidente que a arte hierática (*ἱερατικὴ τέχνη*) não pode ser tratada como apêndice comparativo, nem como consequência cultural contingente, mas como núcleo teórico-operativo do platonismo teúrgico, exigindo uma formulação sistemática autônoma. É nesse ponto que se impôs a necessidade de DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA: não como continuação temática, mas como retorno conclusivo ao problema central da mediação, no qual os volumes anteriores se revelam retrospectivamente como etapas preparatórias de uma demonstração ontológica única, agora explicitada sem recurso a analogias externas ou sínteses trans-tradicionais.

<sup>5</sup> Iamblichus. ON THE MYSTERIES. I:12. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 53.

<sup>6</sup> Proclus. IN TIMAEUM. Diehl (Ed.). Teubner, 1903, I:210.17.

Na Introdução do terceiro volume do DAEMONIUM, fiz a seguinte declaração:

Desde o primeiro volume, o DAEMONIUM nasceu para celebrar, hora representar simbolicamente, a *interface* de conexão com o mundo dos espíritos, todos os espíritos, mortos, encantados ctônicos e telúricos, assim como deidades urânicas. As edições são construídas para agir magicamente como um talismã na alma de quem as lê, agregando nela as virtudes da penetração no mundo dos espíritos e o desenvolvimento da comunicação com eles. Em outras palavras, o DAEMONIUM trata-se de uma medicina para que a alma veja e se comunique com o mundo encantado dos espíritos. O pivô motivacional para escrever esse terceiro volume, portanto, permanece o mesmo: a necessidade do *encantamento*, i.e. a visão encantada ou *daemônica* do Cosmos como premissa fundamental para realização da magia.<sup>7</sup>

Essa declaração, longe de constituir uma metáfora literária ou um enunciado programático de caráter subjetivo, enuncia com precisão técnica o eixo ontológico que estrutura retrospectivamente todo o projeto DAEMONIUM e que encontra em DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA sua formulação final e sistemática. A noção de *encantamento* aqui mobilizada corresponde filologicamente à condição *daemônica* do ser, i.e. à reinstituição do μεταξύ (*metaxý*) como regime operativo da realidade, no qual a alma não se encontra isolada no plano humano nem dissolvida na transcendência, mas permanentemente atravessada por potências intermediárias. Platão formula esse princípio de modo explícito ao afirmar que πᾶν τὸ δαιμόνιον μεταξὺ θεοῦ τε καὶ θνητοῦ ἔστιν (*tudo o que é daemônico está entre o deus e o mortal*),<sup>8</sup> definindo o *daimōn* não como crença, mas como condição estrutural da comunicação entre ordens do ser. Jâmblico, ao deslocar essa estrutura para o plano ritual, afirma que ἡ τῶν θεῶν παρουσία οὐ διὰ νοήσεως, ἀλλὰ διὰ τῶν ἱερῶν ἐνεργειῶν συνίσταται (*a presença dos deuses não se constitui por meio do pensamento, mas por meio das obras inefáveis*),<sup>9</sup> fornecendo o fundamento teórico daquilo que, na citação acima, é descrito como *medicina da alma*: não uma pedagogia simbólica, mas uma tecnologia ontológica de reconfiguração da percepção e da participação no Cosmos. Proclo, por sua vez, explicita que essa eficácia não é representacional, mas causal, ao declarar que τὰ σύμβολα οὐ μιμεῖται τὰ θεῖα, ἀλλὰ παρεῖσιν αὐτὰς τὰς θείας ἐνεργείας (*os símbolos não imitam as realidades divinas, mas fazem presentes as próprias energias divinas*),<sup>10</sup> o que esclarece em termos estritamente filológicos porque o DAEMONIUM pôde ser concebido como objeto talismânico e não como texto meramente discursivo. DAEMONIUM: A ARTE HIERÁTICA constitui, assim, a culminação necessária dessa intuição inaugural, pois abandona definitivamente qualquer tratamento indireto ou alusivo do encantamento e o reconduz ao seu fundamento técnico: a arte hierática (ἱερατικὴ τέχνη) enquanto ciência da mediação, na qual a visão encantada do Cosmos deixa de ser pressuposto subjetivo para tornar-se efeito objetivo de uma correta disposição ritual, simbólica e ontológica da alma. O que nos volumes anteriores se apresentava como exercício preparatório, a sensibilização da alma ao mundo dos espíritos, é aqui formalizado como sistema, no qual o *daimōn*, a operação ritual e a estrutura hierárquica do real convergem numa doutrina coerente da presença, encerrando o DAEMONIUM não como síntese retórica, mas como arquitetura completa da arte de tornar visível e operante o mundo invisível.

<sup>7</sup> Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTSE DA MAGIA. Clube de Autores, 2025, pp. 25.

<sup>8</sup> Platão. *O Banquete*. Em DIÁLOGOS. Vol. V. Edipro, 2014, pp. 77-78.

<sup>9</sup> Iamblichus. ON THE MYSTERIES. I:12. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 53.

<sup>10</sup> Proclus. IN TIMAEUM. Diehl (Ed.). Teubner, 1903, I:210.18.

Se os volumes anteriores podiam agir talismanicamente por analogia simbólica e disposição anímica, este volume abandona definitivamente o regime da sugestão e da evocação indireta para operar no plano da explicitação ontológica da mediação, onde o hierático deixa de ser efeito e se torna ciência.

Com isso, essa seção introdutória atinge seu ponto de fechamento necessário: demonstrar que a arte hierática não emerge como técnica ritual autônoma, nem como suplemento devocional, mas como culminação ontológica de uma vida ordenada segundo mediação real. O percurso histórico, filológico e teológico aqui traçado permite agora compreender que o *daimōn* pessoal não *aparece* a uma alma desordenada, nem se deixa capturar por métodos, imagens ou cálculos isolados, pois sua função é reger a totalidade da existência a partir de uma posição ontológica estável. É precisamente essa exigência que determina a estrutura do presente volume. A Parte I mostrará que não existe teurgia sem forma de vida filosófica, pois sem *askēsis*, *katharsis* e governo do *ēthos* não há receptáculo proporcional para a mediação *daemônica*. A Parte II estabelecerá, com rigor teológico, o estatuto ontológico do *daimōn* pessoal no interior da hierarquia do Cosmos, distinguindo-o cuidadosamente de deuses, anjos e almas, e preparando conceitualmente o terreno para sua estabilização ritual. A Parte III, por fim, demonstrará que a teurgia só começa verdadeiramente quando o *daimōn* pessoal se encontra corporificado segundo a ordem hierática, ainda que o ato ritual propriamente dito permaneça reservado ao domínio da iniciação. Essa arquitetura não responde a uma preferência expositiva, mas a uma necessidade ontológica interna: sem essa progressão, toda tentativa moderna de compreender a teurgia recai inevitavelmente em anacronismos, seja pela psicologização do mediador, seja pela tecnicização do rito, seja pela ilusão de acesso imediato ao divino. A seção seguinte, portanto, não inaugura um novo tema, mas explicita conscientemente a estrutura que já se impôs como condição de inteligibilidade de tudo o que foi dito.

O objeto central deste livro é o *daimōn* pessoal, não enquanto figura mítica, símbolo psicológico ou categoria moral, mas como *operador ontológico real da mediação entre a vida singular e a ordem inteligível*. Tudo o que foi exposto até aqui, a impossibilidade da união imediata, a necessidade das mediações, a crítica ao imediatismo espiritual, a recusa do moralismo e da psicologização, converge para essa determinação fundamental. No horizonte do platonismo teúrgico, o *daimōn* não é uma hipótese explicativa acessória, mas a solução ontológica necessária para o problema da proporção entre causas universais e existência individual. Platão já o define como instância intermediária constitutiva ao afirmar na REPÚBLICA (202d) que *tudo o que é daemônico está entre o deus e o mortal*,<sup>11</sup> e Jâmblico em DE MYSTERICIS explicita sua função ao sustentar que cada alma é conduzida por mediações superiores segundo uma ordem recebida: οὐ γὰρ ἡ ψυχὴ καθ' αὐτὴν ἐπὶ τοὺς θεοὺς ἀνάγεται, ἀλλ' ὑπὸ τῶν αὐτῆς κρειττόνων ἀγεται (*pois a alma não se eleva aos deuses por si mesma, mas é guiada por aqueles que lhe são superiores*).<sup>12</sup> O *daimōn* pessoal é, assim, o princípio que governa a tradução da causalidade superior no tempo da vida, regulando o *ēthos*, orientando o destino e tornando possível a estabilização ritual da mediação. Por essa razão, este livro não trata do sacrifício, do sacerdócio, da hierarquia ou da arte hierática como temas independentes, mas como derivações necessárias de uma ontologia do *daimōn*: onde ele é negado, tudo se dissolve; onde ele é reconhecido, a teurgia se torna inteligível. A estrutura do volume que se segue

<sup>11</sup> Platão. *O Banquete*. Em DIÁLOGOS. Vol. V. Edipro, 2014, pp. 77-78.

<sup>12</sup> Iamblichus. ON THE MYSTERIES. IV:5-7. E. C. Clarke, J. Dillon, J. Hershbell (Trd.). SBL, 2003, pp. 213.

explicitará progressivamente essa centralidade, mostrando como a vida filosófica, a teologia das mediações e a prática hierática se articulam a partir do *daimôn* pessoal como eixo ontológico da obra.

O próprio título deste livro, DAEMONIUM, não é ornamental nem metafórico, mas designa diretamente o *estado ontológico de mediação* que constitui seu objeto central. O termo latino *daemonium*, herdado da recepção médio-platônica do grego δαιμόνιον, não indica um ente isolado, mas a *condição de ser sob governo daemônico*, i.e. o regime no qual a vida humana se encontra efetivamente atravessada, orientada e regulada por seu mediador próprio. Em Platão, o *daimónion* socrático não é uma voz psicológica, mas um sinal objetivo de orientação ontológica; em Apuleio, o *daemon* é definido como *custos et assiduus vitae humanae observator*, o guardião e observador constante da vida humana.<sup>13</sup> *Daemonium*, portanto, nomeia o *campo operativo* no qual o *daimôn* pessoal exerce sua função: não apenas a criatura espiritual, mas a *interface viva* entre causalidade superior e existência singular. Batizar este livro com esse nome equivale a afirmar, desde o título, que a teurgia não se comprehende como técnica externa, mas como *vida colocada em daemonium*, i.e. como existência governada segundo mediação real. Tudo o que se segue, vida filosófica, sacrifício, sacerdócio, hierarquia e arte hierática, deve ser lido como desenvolvimento interno dessa condição fundamental.

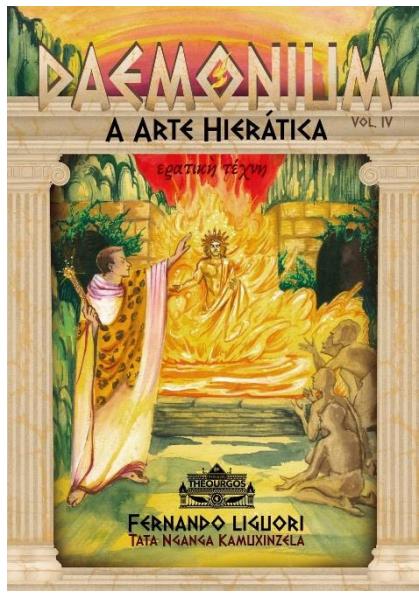
A recorrência deliberada de certos enunciados fundamentais ao longo deste livro, especialmente aqueles relativos à impossibilidade da união imediata, à necessidade ontológica das mediações e ao estatuto do *daimôn* como operador intermediário, não constitui redundância retórica nem descuido expositivo, mas obedece a uma exigência própria da ontologia hierárquica aqui assumida. No platonismo teúrgico, os princípios não se apresentam uma única vez para depois serem aplicados, mas retornam reiteradamente em níveis distintos da exposição, conforme a progressão do discurso se desloca do plano histórico ao ontológico, do ontológico ao ético, e do ético ao ritual. Proclo observa que o inteligível não se apreende por acumulação linear de proposições, mas por retornos sucessivos ao mesmo eixo, cada vez sob nova determinação causal, segundo o movimento de ἐπιστροφή<sup>14</sup> que caracteriza toda inteligibilidade verdadeira. Assim, a repetição aqui não visa reforço didático,

---

<sup>13</sup> Luiz Karol. DE DEO SOCRATIS : A DEMONOLOGIA NO IMPÉRIO GREGO-ROMANO. Desalinho, 2018, s/p.

<sup>14</sup> O termo grego ἐπιστροφή (*epistrophē*), literalmente *retorno* ou *reversão*, constitui um conceito estrutural da ontologia platônica tardia e não designa um simples movimento psicológico ou metodológico, mas um momento necessário da dinâmica ontológica do real. Em continuidade com a tríade clássica μονή – πρόοδος – ἐπιστροφή (permanência – processão – retorno), a ἐπιστροφή descreve o movimento pelo qual aquilo que procede das causas superiores retorna a elas segundo medida e afinidade, sem dissolver a distinção ontológica entre princípio e efeito. Proclo formula essa estrutura de modo sistemático ao afirmar: πᾶσα γὰρ πρόοδος ἐπὶ τὴν αἴτιαν ἐπιστρέφει (*pois toda processão retorna à sua causa*, *Elem. Theo.*, prop. 35). Esse retorno não é regressão temporal nem absorção indistinta, mas reordenação causal que permite ao múltiplo tornar-se inteligível sem perder sua posição no ser. No plano do conhecimento, Proclo afirma explicitamente que o inteligível não se apreende por acumulação discursiva, mas por retornos reiterados ao mesmo eixo causal: οὐ διὰ προσθήκης λόγων, ἀλλὰ διὰ τῆς ἐπιστροφῆς ἐπὶ τὰ αὐτά (*não por adição de discursos, mas pelo retorno às mesmas coisas*, *In Parmenidem*. Assim, a ἐπιστροφή funda tanto a inteligibilidade ontológica quanto o método expositivo do platonismo teúrgico: os princípios reaparecem não por redundância, mas porque operam transversalmente em múltiplos níveis do real, ontológico, ético e ritual. No contexto da arte hierática, a ἐπιστροφή assume ainda um valor teológico decisivo, pois descreve o modo pelo qual a alma, sem se mover por si mesma, é reconduzida à ordem divina por mediações superiores, preservando a transcendência do princípio e a eficácia da prática. A repetição conceitual, portanto, não é falha retórica, mas expressão textual da própria estrutura do ser segundo o platonismo tardio. Ver Proclus. *Theologia Platonica*. Livros I e II. Em Thomas Taylor (Trad.). THE SIX BOOKS OF PROCLUS ON THE THEOLOGY OF PLATO. Kshetra Books, 2017. Ver também Stephen Gersh. *Proclus: Elements of Theology*. Em THE CAMBRIDGE EDITION OF THE WORKS OF PROCLUS. Harold Tarrant (Ed.). Cambridge University Press, 2025, pp. 111-116, Prop. 35. Proclus. COMMENTARY ON PLATO'S PARMENIDES. Glenn R. Morrow e John M. Dillon (Eds.). Princeton University Press, 1992.

mas estabilização ontológica: os mesmos princípios reaparecem porque operam em todos os níveis do real tratados neste livro. Eliminar essas recorrências implicaria sugerir, falsamente, que mediação, hierarquia e *daimōn* pertencem a um domínio isolado, quando são, na verdade, condições transversais da vida filosófica, da teologia e da prática hierática. A repetição, portanto, não é excesso, mas método, e sua função é garantir que o leitor não avance para o que segue sem que o eixo ontológico tenha sido plenamente assimilado.



O presente texto trata-se da Seção 1 da Introdução do quarto volume da série DAEMONIUM, dedicado exclusivamente a *arte hierática* da teurgia. Em breve disponível para compra.



[www.theourgos.com.br](http://www.theourgos.com.br)  
[www.goeteia.com.br](http://www.goeteia.com.br)